

CORONA E A PARTE MAIS DOENTE DOS ESTADOS UNIDOS

Posted on 20. April 2020

Um comentário de Rainer Rupp.

Os danos colaterais na "guerra contra a pandemia de Corona" afectam todos, mas - como na guerra real - nem todos por igual. Isto aplica-se não só às pessoas, mas também aos países que são atingidos com diferentes graus de severidade. Aqui na Alemanha, onde, segundo a Chanceler Merkel, "vivemos bem e felizes", as grandes disparidades de classe e de rendimentos estão agora a tornar-se particularmente evidentes na crise e, como resultado, mais de dois terços da sociedade estão a ser muito mais afectados pelos danos colaterais causados pela luta contra o vírus do que o terço restante, em melhores condições. Para o reconhecer, não é necessário começar pelos beneficiários do Hartz IV ou pelos desempregados, mas a situação precária da actual crise está a afectar cada vez mais vastos sectores da chamada classe média, especialmente durante a chamada proibição de contacto, ou "lock down".

Veja-se, por exemplo, uma família de trabalhadores qualificados, mãe, pai, duas crianças, que estão praticamente fechadas à chave durante muitas semanas num apartamento de dois quartos, cozinha, casa de banho, os parques infantis do bairro - para não falar da creche - estão fechados e as caminhadas com a família de quatro pessoas no parque, que pode estar um pouco mais longe, são proibidas sob pesadas multas. Ao mesmo tempo, o pai tem um trabalho a tempo reduzido a 60% do seu salário e a mãe teve o seu mini-emprego cancelado logo no início da crise. As poucas poupanças são rapidamente utilizadas e o pai pergunta a si próprio, com razão, se o seu antigo emprego ainda estará lá após a crise. Os seus nervos estão nus e o futuro parece sombrio - já para não falar das preocupações com a sua saúde.

A classe média alta e próspera está a passar por um "lock down" completamente diferente. Não queremos sequer falar sobre os 1% ou 5% superiores. Homem e mulher têm um bom trabalho, que pode ser feito no "home office", na casinha na faixa do bacon, na periferia da cidade. Cada criança tem o seu próprio quarto, para que os trabalhos de casa para a escola possam ser feitos muito mais concentrados por computador. Pode passar o seu tempo livre com as crianças no jardim, onde há muito para fazer nesta altura do ano, ou pode conversar com o vizinho por cima da vedação do jardim, fazer uma reparação na garagem ou na cave e reparar algo para o qual nunca encontrou tempo antes. É claro que tudo isto é feito com um salário completo e que há poupanças suficientes na "margem alta" para enfrentar qualquer crise. Nesta situação, o irritante "encerramento" é apenas um incómodo e não uma catástrofe que provoca a ruptura dos nervos dos habitantes da casa.

Noutros países industriais ocidentais com diferenças sociais ainda maiores do que na Alemanha, onde também existem minorias socialmente desfavorecidas, a epidemia de corona revela um problema racista, para além do antagonismo de classe. Isto é particularmente evidente nos EUA, que foram abalados pela crise da coroa.

Ao contrário da Alemanha, onde os cuidados de saúde são quase garantidos para todos os habitantes, o mesmo não acontece, de longe, com todas as pessoas nos Estados Unidos. Os afro-americanos são, portanto, particularmente afectados pela corona nos EUA, em dois aspectos. Porque, devido a diferenças sociais estruturais, tanto as pessoas como as comunidades em que vivem são consideravelmente mais pobres do que a média dos Estados Unidos. Consequentemente, muito mais pessoas não estão cobertas pelo seguro de saúde e, consequentemente, os cuidados de saúde de rotina deixam de ser necessários, o que conduz a uma incidência significativamente mais elevada de condições pré-existent na população, o que torna as pessoas afectadas particularmente susceptíveis à doença de Corona Covid-19.

O segundo aspecto da desvantagem é que os cuidados médicos nestas regiões social e economicamente dependentes deixam muito a desejar, mesmo em tempos normais. Na actual crise, em que muitas pessoas são confrontadas com uma questão de vida ou de morte, esta falta é particularmente evidente.

No início desta semana, o Governo federal norte-americano reconheceu esta discriminação contra as minorias e reconheceu que o vírus corona está a atingir de forma particularmente dura os afro-americanos.

"Vemos fortes indícios de que os afro-americanos são muito mais afectados do que outros cidadãos do nosso país", afirmou o Presidente dos EUA, Donald Trump, durante a sua conferência de imprensa corona, na passada terça-feira.

No mesmo dia, o Washington Post, citando dados de algumas autoridades locais, informou que os condados com maiorias afro-americanas comunicaram por vezes três vezes mais infecções e quase seis vezes mais mortes do que os condados onde os americanos brancos estão em maioria.

Os números relativos a todo o país ainda não estão disponíveis. Até agora, apenas autoridades locais, como as cidades ou os Estados, publicaram estatísticas bastante esporádicas, a partir das quais se pode estimar a desvantagem estrutural das minorias étnicas nos EUA.

No condado de Milwaukee, no estado de Wisconsin, por exemplo, cerca de 70% das mortes após a

infecção pelo vírus corona são afro-americanas, embora representem apenas cerca de 26% da população, escreveu o Washington Post. No Estado do Michigan, cerca de um terço dos infectados com o vírus corona e cerca de 40% dos que morreram eram afro-americanos - de uma população de cerca de 14%.

Na metrópole de Chicago, por exemplo, onde quase um terço dos habitantes são afro-americanos, sete em cada dez mortos da COVID 19 na terça-feira passada foram afro-americanos, de acordo com as autoridades locais. Das 140 mortes registadas, 95 eram afro-americanas e, das cerca de 5 500 infectadas, cerca de metade eram afro-americanas.

Anthony Fauci, director do Instituto Nacional de Doenças Infecciosas, comentou estes números com Trump durante a conferência de imprensa acima referida e explicou os factos como "agravando o fosso sanitário" nos EUA. Prosseguiu dizendo que doenças pré-existentes, como doenças cardíacas e diabetes, são mais comuns entre os afro-americanos do que entre outros grupos. Estas condições pré-existentes tornam mais provável uma transferência para os cuidados intensivos, afirmou Fauci.

E o chefe de saúde do governo dos EUA, o vice-almirante Jerome Adams, explicou o problema à estação americana CBS da seguinte forma: "Os afro-americanos têm um estatuto socioeconómico bastante baixo, o que torna mais difícil manter a distância social. Que bela forma de descrever o facto de uma elevada percentagem de afro-americanos estar desempregada e muitas vezes desprovida de emprego, estando, por isso, amontoada em condições miseráveis num espaço confinado com muitos outros, que não podem ser chamados de "vivos".

Os meios de comunicação social norte-americanos também abordaram o aspecto do "fosso sanitário" e salientaram, entre outras coisas, que os afro-americanos estavam a comer dietas mais pobres e que também tinham mais doenças não tratadas. Mas tal como Fauci antes, a maioria dos meios de comunicação social dos EUA não abordou as razões socioeconómicas para este "fosso sanitário", nomeadamente que a globalização neoliberal aumentou o abismal fosso entre ricos e pobres nas últimas duas décadas, sendo os afro-americanos os mais afectados.

Nem o comandante-chefe de Trump na guerra contra a Corona, Vice-almirante Adams, nem a maioria dos meios de comunicação social acharam por bem mencionar que o estado médio de saúde muito pior do grupo social afro-americano é consequência da falta de cobertura por parte do seguro geral de saúde. Mas mesmo para os pequenos empresários e outros trabalhadores independentes de classe média que anteriormente tinham ganho bem e acreditavam que não

precisavam de um seguro de saúde dispendioso, o Covid 19 pode rapidamente tornar-se um desastre social - mesmo em caso de sobrevivência. Uma estadia de apenas alguns dias na unidade de cuidados intensivos de um hospital é suficiente para isso.

O custo do tratamento de um caso grave de pneumonia devido ao coronavírus pode atingir rapidamente 75.000 dólares. Mesmo que se tenha um seguro de saúde, que nem todos têm, a conta pode chegar às dezenas de milhares de dólares, custos que a maioria das apólices de seguro só cobrem parcialmente. Quantas pessoas doentes são agora confrontadas com a questão de saber se devem ser tratadas no hospital ou se preferem morrer em casa para não arruinarem financeiramente a família com as dívidas do tratamento.

Neste contexto, não admira que, mesmo na pandemia de Corona, os EUA sejam "os primeiros" de uma forma macabra. Tanto em termos do número de pessoas infectadas como do número de mortes, os EUA estão muito à frente, em primeiro lugar. Os cínicos diriam: agora os EUA são o que sempre afirmam ser: "um país excepcional". Aqui está uma breve panorâmica, com números comparativos de quinta-feira 16.04.2020 às 21:00. A fonte é a Universidade Johns Hopkins (EUA), que actualiza constantemente os dados.

Local Infecções confirmadas Local morto

mundial 2,1 milhões 141.000

EUA 1 641.000 31.100 1

Espanha 2 182.000 19.100 3

Itália 3 168.000 22.100 2

Alemanha 4 135.000 3.857 9

China 12 83.400 3.346 11

Rússia 14 28.000 232

Em termos do número de mortes coronárias, a Rússia continua muito atrás da Coreia do Sul, que, com apenas 229 mortes, dominou brilhantemente a crise.

Entretanto, nos EUA, depois de Nova Iorque, a cidade "Mardi Gras" de Nova Orleães, no estado norte-americano da Louisiana, está a tornar-se cada vez mais o centro das atenções dos especialistas corona. Pelas razões já referidas, que têm a ver com a desvantagem socioeconómica e

estrutural dos numerosos habitantes afro-americanos, a Louisiana e, sobretudo, Nova Orleães poderá tornar-se o próximo epicentro da difusão da coroa depois de Nova Iorque. Em termos percentuais, a Louisiana está já em quarto lugar, atrás do Estado de Nova Iorque, com uma taxa de infecção superior a 400 por 100.000. No entanto, com 1.479 infecções por 100.000, Nova Orleães já ultrapassou Nova Iorque com apenas 1.419 casos.

Isto poderia ser colocado em perspectiva, porque Nova Iorque, com os seus 8 milhões de habitantes, tem muito mais habitantes do que Nova Orleães, com os seus 1,2 milhões. E todo o Estado da Louisiana, com os seus 4,6 milhões de cidadãos, tem apenas pouco mais de metade da cidade de Nova Iorque. No entanto, a Louisiana tem o que é preciso para se tornar um novo epicentro que infecta o empobrecido sul dos EUA, face à multiplicação exponencial das infecções de coroa. As condições são muito boas para isso, porque esta é a "parte mais doente da América", que já era má antes da Corona e que agora poderia ser mais duramente atingida, de acordo com um relatório da Bloomberg Law desta semana.

Diz ainda que o Sul apresenta as taxas mais elevadas de obesidade, tensão arterial elevada, ataques cardíacos e acidentes vasculares cerebrais nos Estados Unidos, combinados com extensas zonas rurais e empobrecidas com fraco acesso aos cuidados de saúde. As pessoas aqui são, portanto, particularmente vulneráveis a um "vírus que é particularmente mortal para pessoas com condições de saúde subjacentes".

Por causa do Covid-19, o especialista em doenças pulmonares Aaron Milstone espera "uma catástrofe no sudeste" dos EUA, segundo a Bloomberg.law. "Veremos maior morbidade e mortalidade pelo vírus", disse o Dr. Milstone. O relatório prossegue: "Quatro dos cinco Estados com as taxas mais elevadas de diabetes estão no Sul, e oito Estados não expandiram a Medicaid (a ajuda médica básica do Estado para os pobres) ao abrigo da Lei dos Cuidados Acessíveis (que significa o falhado seguro de saúde Obama), deixando milhares de famílias sem acesso a cuidados médicos de rotina, enquanto os hospitais rurais, financeiramente afectados, estão a definhar".

Estes factores poderiam explicar a recente explosão surpresa dos casos Corona na Louisiana, para além, naturalmente, do facto de as festividades do Carnaval de Mardi Gras (uma espécie de carnaval), que tiveram lugar em Nova Orleães de 6 de Janeiro a 25 de Fevereiro - já no período Corona - terem atraído mais de um milhão de turistas e espectadores dos estados vizinhos.

+++

Obrigado ao autor por ter publicado o artigo.

+++

Fonte da imagem: [Aspects and Angles](#) / shutterstock

+++

A KenFM esforça-se por obter um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir os pontos de vista dos redactores.

+++

Gosta do nosso programa? Informações sobre outras possibilidades de apoio aqui:
<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK